

A DIVERSIDADE DE GÊNEROS TEXTUAIS DIRECIONANDO O ENSINO DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Aparecida Lopes ROSSI³

Resumo: A necessidade de se trabalhar a leitura como construção de sentidos e as funções sociais dos diferentes gêneros de textos, tem levado os professores a enfrentar desafios. Dentre estes se ressalta a articulação entre os estudos voltados para o trabalho com os gêneros de texto e o planejamento das atividades de ensino. Visando problematizar tais desafios, discuto a experiência vivida em situações de orientação em que alunos/professores desenvolveram pesquisas objetivando a construção de práticas de leitura contemplando a diversidade de gêneros de texto. O trabalho forneceu elementos para discutir, entre outras questões, a relação teoria e prática no fazer docente.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Teoria. Práticas de Ensino. Pesquisa.

Abstract: *The need to work on reading as the construction of meanings and social functions of different genres of texts has led teachers to face challenges. Among them, it is emphasized the links between the studies focused on working with text genres and planning learning activities. Aiming to discuss these challenges, it has been discussed the experience of guidance in situations, in which students / teachers developed research projects aiming at the construction of reading practices considering the diversity of genres of text. The study provided data to discuss, among other issues, the relationship between theory and practice in teaching doing.*

Keywords: *Text Genres. Teaching Practices. Theory / Practice.*

³ Professora do Curso de Pedagogia e Programa de Pós-graduação em Educação-PPGEDUC, do Departamento de Educação da Regional Catalão/Universidade Federal de Goiás-CAC/UFG. Catalão, Goiás, Brasil. picialrossi@gmail.com

A necessidade da escola em trabalhar a leitura como construção de sentidos, e também as funções sociais dos diferentes gêneros de textos, que circulam fora dela, tem levado os professores, principalmente dos anos iniciais, a enfrentarem inúmeros desafios. Dentre estes, pode-se ressaltar a desarticulação entre os estudos que enfocam a abordagem dos gêneros de texto na sala de aula, o planejamento das atividades de ensino e a concepção de linguagem que tradicionalmente fundamenta as práticas de ensino de língua materna. Como ressaltava Bronckart, (2003), assumir o ensino de língua, valorizando-se o seu aspecto interacional e discursivo, implica uma modificação da concepção de linguagem que normalmente subjaz às práticas escolares e a necessidade de se distinguir conceitos como gêneros, textos e tipos de textos, além de se questionar a tese do primado do sistema sobre o funcionamento textual, e, portanto, do caráter de anterioridade do ensino de gramática em relação ao ensino textual. É o que tenho vivenciado em um curso de Pedagogia com a disciplina: Fundamentos e Metodologia de Ensino de Língua Materna e na orientação de trabalhos de final de curso e monografias de especialização. Conforme Rossi (2009) os alunos dos cursos de graduação, ao procurarem relacionar o estudo teórico sobre a diversidade de gêneros textuais no ensino de leitura, com o planejamento de atividades de sala de aula, têm dificuldade de romper com um modelo de ensino que segue sempre um roteiro padronizado:

Primeiro, a leitura em voz alta, com a ênfase na pontuação e oralização do texto, depois as questões de interpretação, que exploram principalmente a superfície do texto e a posição do aluno sobre o assunto lido, deixando-se de lado a visão do autor sobre o tema, as características de gênero do texto e a realização de estratégias de leitura voltadas para a visão de que o sentido do texto é construído na interação texto-leitor (ROSSI, 2009, p.15)

Além disso, Rossi (2010) ao procurar perceber o processo de escolarização dos diferentes gêneros textuais nas práticas de leitura observa que, o que move os professores a levar textos de diferentes gêneros para a sala de aula, é, principalmente, trabalhar textos que possam ser aproveitados para outras disciplinas, no que os professores chamam de trabalho interdisciplinar; trabalhar com textos que sejam agradáveis e relacionados à realidade do aluno e que possibilitem discutir temas da problemática atual tais como: meio-ambiente, adolescência, folclore (temas lembrados) e que estejam adequados à faixa etária dos alunos, ou usar o texto para trabalhar o conteúdo que está sendo dado na sala de aula relativo ao ensino da língua, como questões gramaticais, ortografia e ampliação do vocabulário do aluno.

O que o estudo destaca é que as pesquisas e as discussões sobre o ensino de leitura que vêm sendo realizadas nos meios acadêmicos, ainda são pouco presentes no cotidiano do professor do Ensino Fundamental. As principais referências que estes têm para planejar as atividades de leitura são as que foram construídas no exercício da docência nas situações de ensino, ou seja, os saberes que são construídos no espaço escolar. Esta realidade mostra o distanciamento que ainda existe entre os estudos acadêmicos e a Educação Básica.

Diante destas dificuldades, no presente artigo procuro problematizar a experiência vivida em duas situações de orientação⁴, em que dois alunos/professores se propuseram a construir práticas de leitura voltadas para a diversidade de gêneros de texto. As reflexões, destacadas no âmbito deste trabalho, procuram mostrar as dificuldades encontradas pelos orientandos no processo de construção das práticas de ensino, que tinham por objetivo trabalhar diferentes gêneros de texto no ensino de leitura com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, abordando os diferentes gêneros de texto e as funções sociais que a leitura e a escrita têm fora do contexto escolar.

Os projetos dos alunos foram desenvolvidos a partir da metodologia da pesquisa-ação que, como ressalta Franco (2005), para se realizar necessita de uma associação da pesquisa a uma estratégia de intervenção. As pesquisas se ancoraram nos estudos de autores como Marcuschi, (2002), Bronckart, (2003). Dolz e Scheneuwly (2004), Kleiman (1999) e outros, que colocam a importância de se trabalhar a diversidade de gêneros no ensino de leitura uma vez que, como ressaltam Dolz e Scheneuwly:

O trabalho escolar, do domínio da produção da linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer se queira ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho necessário e inesgotável para o ensino da textualidade. A análise de suas características fornece uma primeira base de modelização instrumental para organizar as atividades de ensino que esses objetos de aprendizagem requerem. (DOLZ e SCHENEUWLY, 2004, p.51)

Além disso, Kleiman (1999) ao discutir o processo de construção de significados dos textos, ressalta que o reconhecimento do gênero fornece as pistas para o modo como a leitura do texto será feita. Para ela, os próprios textos fornecem os contextos necessários para sua

⁴ AUTOR. *Práticas de Leitura em Sala de Aula a partir da Diversidade de Gêneros textuais*. Relatório de Pesquisa realizado ao final de curso de especialização em Educação Infantil. AUTOR, *A diversidade de Gêneros Textuais no Ensino de Leitura do 3º ano do Ensino Fundamental*. Relatório de Pesquisa realizado ao final da disciplina: Trabalho de Final de Curso-TCC.

compreensão, uma vez que o conhecimento do gênero determina o que buscar no texto que o está atualizando. Esse conhecimento, construído na medida em que o indivíduo interage com a multiplicidade de gêneros textuais existentes na sociedade, leva, segundo Koch e Elias (2006), ao desenvolvimento de uma competência metagenérica que fornece subsídios para o leitor interagir com as diversas práticas sociais que fazem uso da escrita. Conforme as autoras “se por um lado, a competência metagenérica orienta a produção de nossas práticas comunicativas, por outro lado, é essa mesma competência que orienta a nossa compreensão sobre os gêneros textuais efetivamente produzidos”.(KOCH e ELIAS, 2006, p.102). Para Marcuschi, “o trabalho com os gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia”, (MARCUSCHI, 2002, p.35) e a relevância de trabalhá-los no ensino da língua está no fato de que se ensina a produzir textos e não enunciados descontextualizados.

O Conceito de gênero de texto se apóia na visão de Bakhtin, que destaca: “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 2000, p.279). Desta forma os modos de utilização da língua, efetuados em forma de enunciados, são tão diversos como as próprias formas destas atividades. Os enunciados, por sua vez, vão retratar as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, tanto pelos seus conteúdos quanto pelo estilo verbal. Assim, cada esfera de utilização da língua estrutura tipos relativamente estáveis de enunciados a que se denominam gêneros do discurso. O que vai caracterizar um determinado gênero de texto são seus aspectos sócio-comunicativos e funcionais. Assim, como ressalta Marcuschi “eles operam como geradores de compreensão mútua” (MARCUSCHI, 2002, p.35).

É esta a idéia central, que fundamenta a proposta de ensino colocada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. O documento coloca a necessidade de se trabalhar com os diferentes gêneros textuais, que permeiam a comunicação humana, agrupando-os, em função de sua circulação social, em gêneros literários, de imprensa, publicitários e de divulgação científica, entre outros, considerando que o trabalho com os gêneros leva à inserção do aluno na cultura letrada e amplia sua competência linguística e discursiva, propiciando uma melhor compreensão da realidade.

Colocar essa proposta em prática implica numa modificação da concepção de linguagem que normalmente subjaz às práticas escolares e na necessidade de se distinguir conceitos como gêneros, textos e tipos de textos, além de se questionar a tese do primado do sistema

sobre o funcionamento textual, e, portanto, do caráter de anterioridade do ensino de gramática em relação ao ensino textual.

O que se tem discutido no seio dos estudos da linguagem é que as propostas dos PCNs representam um avanço, na medida em que colocam no centro das discussões sobre o ensino, uma produção que ainda estava bastante limitada aos estudos acadêmicos. Como ressalta Antunes (2003) tais documentos “privilegiam a dimensão interacional e discursiva da língua e definem o domínio dessa língua como uma das condições para a plena participação do indivíduo em seu meio social” (ANTUNES, 2003, p.22). A chegada dos documentos nas escolas acaba ampliando o debate sobre a necessidade de se romper com um ensino voltado para uma descrição e memorização das estruturas da língua, entendida como um sistema fechado, estático e homogêneo, para um ensino que perceba a língua como o lugar da interação entre os sujeitos. Assim ensinar a língua significa trabalhar com os discursos e os textos que marcam as interações.

Nessa perspectiva o que se vê é um processo crescente de se exigir do professor de língua materna, o domínio e a familiaridade com as práticas prestigiadas de uso da língua escrita, e com o aprofundamento de estudos da linguística textual e aplicada, que muitas vezes não são suficientemente abordados nos cursos de formação de professores ou programas de formação continuada. Um dos principais problemas que se percebe nas práticas de sala de aula é como articular as noções construídas no quadro do ensino gramatical/frasal com as noções provenientes da Linguística Textual .

Assim, o que se percebe é que, apesar de toda essa produção acadêmica, o trabalho com a diversidade de gêneros textuais, que deveria levar a diferentes abordagens no trabalho com os textos, ainda apresenta dificuldades para os professores. Como mostra Silva, que realizou pesquisa que incluiu a leitura dos PCNs com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental:

[...] sem a compreensão de conceitos como linguagem, língua, texto, discurso, gênero do discurso, letramento, o documento pode não passar de mera lista de itens que se deve trabalhar em sala de aula. Daí perde-se, quase que por completo a essência da proposta que tenta apresentar uma nova abordagem para o ensino de Língua (SILVA, 2001, p.102)

Bunzen (2004), também destaca que o trabalho com um repertório variado de gêneros, não implica necessariamente trabalhar a língua nos seus aspectos discursivo e pragmático com

ênfase nos seus usos e funções. Ou seja, mesmo com a diversidade de gêneros, corre-se o risco de trabalhar com o conceito de língua como sendo um sistema fechado, homogêneo e estereotipado, priorizando-se os aspectos mais formais e estruturais.

Rossi, (2010) em estudo que procurou perceber o processo de escolarização dos diferentes gêneros de textos escritos na escola, conclui que: “não há nas escolas um trabalho orientado e planejado para, a partir dos diferentes gêneros de texto, trabalhar os usos cotidianos da língua, levando os alunos a perceber um texto nos seus aspectos sócio-históricos e culturais” (ROSSI, 2010, p.188). Conforme a autora:

O trabalho com os gêneros de circulação social é realizado de forma esporádica e, normalmente, com objetivos voltados para a aquisição de algum conteúdo escolar, e não para a construção de leitores que saibam transitar pelos textos que circulam fora da escola. (ROSSI, 2010, p.188)

O trabalho com a diversidade de gêneros textuais

Essa realidade foi percebida quando as duas alunas/professoras, uma concluindo o curso de pedagogia, outra já graduada, e concluindo um curso de especialização, se propuseram a desenvolver projetos voltados para o trabalho com a diversidade de gêneros com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O primeiro projeto, desenvolvido dentro da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, teve como foco uma turma de 3º ano e, como objetivo, trabalhar a diversidade de gêneros textuais no ensino de leitura. O outro, desenvolvido como exigência para obtenção do título de especialista em Educação Infantil, foi realizado em uma turma de alfabetização do 2º ano do Ensino Fundamental, e buscou realizar atividades com os alunos que desenvolvessem a compreensão leitora dos mesmos e a percepção das funções sociais dos textos que circulam fora do espaço escolar.

A primeira dificuldade enfrentada pelas pesquisadoras foi a transposição didática, definida por Chevalard (2005) como as transformações pelas quais um saber científico passa, quando se criam saberes a serem ensinados. Foi o que aconteceu quando as pesquisadoras necessitaram elaborar, a partir dos estudos realizados sobre a diversidade de gêneros de textos no ensino, atividades que contemplassem as funções sociocomunicativas dos textos. É o que demonstra o relato registrado no diário de campo de uma das pesquisadoras:

Quase todos os professores de educação básica sentem dificuldades em trabalhar com gêneros textuais. Comigo não foi diferente. Confesso que tive muitas dificuldades em trabalhar com a diversidade textual encontrada no

cotidiano dos alunos. Estava acostumada a usar textos cartilhados, ou seja, textos não reais, aproveitando-os para trabalhar ortografia, gramática, interpretação textual, produção de textos e outros mais. Talvez seja o modo tradicional que aprendi a trabalhar em sala de aula e agora sinto dificuldades em mudar minha prática. Encontrei também dificuldade com as diferenças entre os gêneros textuais, pois trabalhava somente o texto em si, não chamando a atenção para o que há de diferente em um e outro, como uma carta e um bilhete e que estão presentes em nosso dia a dia. (SOUZA, relatório de pesquisa, 2011)

O relatório da pesquisadora, que já exercia a profissão de professora há cerca de dez anos, evidencia o peso que a memória da própria escolarização exerce nas construções da prática de ensino do professor de uma maneira geral, além da dificuldade que o professor encontra em articular a teoria dos gêneros textuais com um ensino de leitura voltado para os textos que circulam socialmente.

Deste modo a necessidade de um planejamento detalhado e uma fundamentação teórica sólida, foi outra dificuldade relatada pela outra pesquisadora, que, em sua reflexão sobre a pesquisa realizada, apontou que só a partir de um estudo aprofundado sobre as teorias que se encontram na base da proposta de ensino voltada para a diversidade de gêneros é que se poderá transformar o trabalho com a língua materna. Neste sentido ela aponta para a discussão empreendida por Antunes para quem:

Qualquer discussão sobre os objetivos da atividade pedagógica, por mais completa que possa parecer, deve complementar-se com o estudo, a crítica a reflexão, a pesquisa (nós professores, precisamos de tempo para isso!) e a acuidade de todos aqueles que participam dessa atividade. (ANTUNES, 2003, p.34)

Além dessa questão também foi apontada como dificuldade pelas pesquisadoras a realidade vivenciada na escola. Conforme relatório de pesquisa de uma delas, o desenvolvimento do projeto:

Enfrentou problemas de falta de continuidade durante sua execução, devido às inúmeras atividades extraclasses desenvolvidas na escola que acarretam a suspensão das aulas por motivos mais diversos que vão desde a realização de conselhos de classe e promoção de festas até o elevado número de falta às aulas pelos alunos (PAJEÚ, relatório de pesquisa, 2011)

Nesta reflexão a pesquisadora problematiza o fato da escola se ocupar com inúmeras atividades extracurriculares como festas, comemorações, jogos, em detrimento das atividades curriculares previstas. Neste caso aponta-se para o que Saviani (2005), considera como uma dificuldade da instituição escolar que é distinguir o que é essencial do acidental no processo

de ensino aprendizagem. Para ele, muitas vezes há uma valorização excessiva das atividades extracurriculares em detrimento das previstas nos currículos. Contrário a essa visão o autor enfatiza que o objeto da educação é a “transmissão dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos” (SAVIANI, 2005, p.21). Entretanto o que se percebe, como ele mesmo diz é que:

Faz-se de tudo na escola; encontrou-se tempo para toda espécie de comemoração, mas muito pouco tempo foi destinado ao processo de transmissão-assimilação de conhecimentos sistematizados. Isto quer dizer que se perdeu de vista a atividade nuclear da escola, isto é, a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado. (SAVIANI, 2005, p.16)

Apesar das dificuldades as pesquisadoras, ao longo do processo de desenvolvimento do trabalho, foram ressignificando suas práticas de ensino de leitura, em um trabalho que envolveu planejamento, leituras e pesquisa de textos de gêneros variados, empreendendo um movimento próprio da pesquisa-ação que, como salienta Franco (2005) tem como um dos seus princípios norteadores permitir aos sujeitos “produzir conhecimentos para estabelecer mudanças em suas práticas profissionais” (FRANCO, 2005, p.49).

Ao longo da pesquisa foram trabalhados textos retirados de suplementos infantis de jornais diários, além de outros gêneros jornalísticos como manchetes, notícias, cartas do leitor e outros, cartazes e avisos que circulavam no interior da escola, bilhetes, histórias em quadrinhos e receitas culinárias. As atividades de leitura levaram também ao trabalho com a escrita de gêneros de circulação social, em atividades que buscaram ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos.

Dentre as atividades realizadas, o relato de uma trabalho realizado a partir da leitura de um cartaz que anunciava uma campanha de vacinação antirrábica, ilustra o envolvimento de professor e alunos com a descoberta das funções sócio comunicativas de um gênero de texto:

Logo no início da aula afixei na lousa um cartaz falando da vacinação contra a raiva que ia ocorrer no final de semana em cães e gatos. Em seguida, pedi que os alunos fizessem a leitura do mesmo, observando como é elaborado um cartaz. Perguntei quais eram os animais que seriam vacinados nessa campanha e pedi que escrevessem em seus cadernos. Questionei ainda sobre as informações contidas no cartaz, tais como a data em que a vacinação seria realizada e se havia mais alguma informação. Um aluno respondeu que a vacinação era gratuita. Nessa atividade, os alunos ficaram mais seguros para responderem.. Então, trabalhei a diferença entre o bilhete e o cartaz e como se deve interpretar as informações do mesmo. Em seguida, sugeri que fizessem uma lista de seus animais preferidos para depois montar um gráfico com as informações. No primeiro momento, não intervi nos registros dos alunos e tive a chance de diagnosticar os avanços e dificuldades em relação

à escrita. A partir da lista coletiva, eles mesmos poderiam retornar os registros e refazer a escrita das palavras. Depois, começamos a organizar coletivamente uma lista dos animais preferidos da turma, escrevendo em um quadrinho quantos votos teve cada um dos animais, fazendo em seguida um gráfico com os cinco animais mais votados. Fiz um quadro com cores diferentes para analisarmos o animal mais votado e o menos votado, mostrando que através de um gráfico é possível ler as informações e saber o que está nele descrito. Por fim, orientei os alunos para que escrevessem um bilhete para as mães avisando para não esquecer a Campanha de Vacinação de cães e gatos. A aula desenvolvida foi muito proveitosa, visto que, os gêneros textuais bilhete e cartaz são de fácil compreensão e fazem parte do cotidiano de muitos alunos. Na construção dos conhecimentos é muito importante a troca de experiências e foi isto que fiz de acordo com o colocado nos PCNs (1998, p.69) que: “É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas”. (SOUZA, relatório de pesquisa, 2011)

O trabalho com Histórias em quadrinhos, chamou a atenção das pesquisadoras para o fato de que as crianças se sentem mais motivadas para a leitura de gêneros com os quais têm familiaridade como é o caso das HQs. Como afirma uma das pesquisadoras:

Ao executar este trabalho, percebi que os gêneros mais conhecidos pelas crianças têm a possibilidade de ser um instrumento importante para o processo de ensino-aprendizagem desde o início da escolarização, permitindo e facilitando o desenvolvimento oral e escrito pelos educandos, levando-os a adquirir uma visão mais abrangente do funcionamento social da linguagem.(PAJEÚ, relatório de pesquisa 2011)

Como pontua Mendonça ao falar do papel das HQs na formação do aluno leitor, os leitores costumam ter mais familiaridade com este gênero textual, uma vez que ele apresenta,

O entretenimento como meta principal e o humor como tom de boa parte das HQs podem ter levado a tal estado de coisas. Além disso, o papel de semioses distintas (verbal e não-verbal) para a construção de sentido termina por tornar as HQs acessíveis não só aos adultos com baixo grau de letramento, mas também às crianças em fase de aquisição de escrita (MENDONÇA, 2003, p.203).

Ao final da execução da pesquisa as pesquisadoras ressaltaram a importância de não só levar para a sala de aula textos de gêneros variados, mas também instaurar, a partir deles, diferentes objetivos para a leitura. Assim o que se ressaltou foi que o trabalho com um repertório variado de gêneros, implica se ter diferentes objetivos para a leitura de acordo com os usos e funções de cada gênero. Só assim se conseguirá um ensino de língua que atenda à formação de um aluno leitor crítico capaz de entender e produzir os textos que circulam fora da escola.

A título de conclusão

A reflexão suscitada no exercício de orientação dos trabalhos aqui discutidos é que fomentar nas escolas um trabalho orientado e planejado para, a partir dos diferentes gêneros de texto, trabalhar os usos cotidianos da língua, implica em tornar a escola um espaço de discussão e construção de conhecimentos. Entretanto, vale ressaltar que esta é uma tarefa não só dos professores, mas, principalmente, dos responsáveis pela educação em todos os níveis de ensino, no sentido de criar momentos nas escolas de discussão e estudos que permitam ao professor dos anos iniciais um estudo aprofundado das teorias que estão na base das propostas curriculares que lhes chegam às mãos.

As reflexões das alunas professoras, ao final do trabalho, ressaltaram os conhecimentos adquiridos, tanto pelos alunos quanto pelas pesquisadoras, na execução dos projetos. Uma delas ressaltou as descobertas proporcionadas pela pesquisa:

Compreendo hoje que o professor precisa conhecer as realidades individuais de seus alunos e também da comunidade em que ele vive, para compreender o repertório de textos desses alunos e a partir deles ampliá-los. Não posso escolher os textos a serem trabalhados sem levar em consideração a região, o contexto e a vivência de cada um. Sei que preciso trabalhar os gêneros de forma que sua leitura e o debate sobre os textos aconteçam de modo que os alunos percebam suas funções sociocomunicativas e o contexto em que se inserem. Esse trabalho com os diferentes textos na sala de aula nos proporciona momentos de descobertas através da leitura, isto é, aluno e professor viajam em mundos jamais conhecidos. (SOUZA, relatório de pesquisa 2011)

A outra problematizou a importância do trabalho com a diversidade de gêneros na formação de alunos/leitores:

A leitura, a partir da diversidade textual, coloca o aluno em contato sistemático com sua própria realidade, utilizando como material pedagógico e fonte de conhecimento, seu próprio cotidiano e o resultado não poderia ser melhor, alunos que dentro de sua realidade organizam, criam e recriam seus conhecimentos. (PAJEÚ, relatório de pesquisa, 2011)

De outra parte, o trabalho de orientação permitiu perceber que um redimensionamento do ensino de Língua passa por questões que nem sempre são possíveis no dia a dia da escola e do professor: tais como reuniões de estudo, planejamento de atividades de ensino com material diversificado como jornais, revistas, histórias em quadrinhos e outros, que extrapolam o livro didático. Como demonstra Guimarães (2013), em trabalho que buscou

perceber o modo como são construídas as práticas de ensino de leitura pelo professor, o tempo deste profissional dedicado ao planejamento é insuficiente para estudo, pesquisa e análise das atividades dentro da sala de aula. Segundo ela as atividades de reflexão e ação no espaço escolar ficam comprometidas:

Devido à realidade vivida pelos docentes que permanecem a maior parte do tempo dentro do espaço escolar, ministrando aulas, ou desenvolvendo atividades extra-classe com os alunos, sem tempo para o trabalho de grupo, a troca de experiências e a reflexão teórica.(GUIMARÃES, 2013, p.69)

Assim não se pode esquecer que o professor é parte de uma engrenagem e, sozinho, não consegue transformar uma realidade que é de competência também dos responsáveis pela educação tanto nos estados e municípios quanto na esfera federal.

Ao final da orientação a reflexão que fica é que a realidade do ensino de leitura nas escolas ainda carece de estudos e pesquisas que lancem sobre ela múltiplos olhares. Só assim podemos transformar uma dada realidade. A partir dessa reflexão espera-se ter contribuído para repensar que implementar o trabalho didático-pedagógico de ensino de leitura calcado na diversidade de gêneros textuais, no sentido de levar os alunos a perceberem a função sócio-comunicativa dos textos, implica trabalhar também com o professor, no sentido de articular sua prática com o estudo das teorias que fundamentam tal concepção de ensino.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: Educ. 2003.

CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica: del saber sábio al saber enseñado*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 2005.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard et alii. *Gêneros orais e Escritos na Escola*. trad. e org Roxane Rojo. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2004.

FRANCO, Maria Amélia S. Pedagogia da Pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, nº 3, p.483-502, 2005.

GUIMARÃES, Sione Pires de Morais. **Construção de Práticas de Ensino de Leitura:** com a palavra o professor. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFG/CAC, 2013.

KLEIMAN, Ângela; MORAES, Silvia. *Leitura e Interdisciplinaridade:* tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras. 1999

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler e Compreender:* os sentidos do texto. São Paulo: Contexto. 2006

MENDONÇA, Márcia. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Gêneros & ensino.** Rio de Janeiro: Lucena, 2003.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In. DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros Textuais & Ensino.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ROSSI, Maria Aparecida L. Leitura: prática reflexiva e fórmulas cristalizadas. Em: *Revista Presença Pedagógica.* V.15, N 87, 2009.

_____. *O Processo de Escolarização dos Diferentes Gêneros Textuais Observado nas Práticas de Ensino de Leitura.* Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica.** 9. ed. Campinas, Sp: Autores Associados, 2005.

SILVA, Simone Bueno. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Formação do Professor: Quais as Contribuições Possíveis? In. KLEIMAN, Angela B. (Org). **A Formação do Professor:** Perspectivas da Lingüística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2001.